



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTES

HANNA DI PAULA DA SILVA BAPTISTA

**DANÇA DE SALÃO:**  
A dama no mercado de trabalho belenense

BELÉM  
2019

HANNA DI PAULA DA SILVA BAPTISTA

**DANÇA DE SALÃO:  
A DAMA NO MERCADO DE TRABALHO BELENENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Dança, do Instituto de Ciências da Artes da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Gomes Pereira.

BELÉM  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da Escola de Teatro e Dança da UFPA-Belém-PA**

---

B222d

Baptista, Hanna Di Paula da Silva

Dança de salão: a dama no mercado de trabalho belenense / PA / Hanna Di Paula da Silva Baptista -- 2019.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Augusto Gomes Pereira.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2019.

1. Dança de salão. 2. Mulheres – Mercado de trabalho. 3. Feminismo. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.82

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao nono dia do mês de Julho do ano de dois mil e dezenove, às dez horas e trinta minutos, reuniu-se no Auditório desta ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof.º Dr.º Ricardo Augusto Gomes Pereira (orientador e presidente) e Prof.º Dr.º Jaime Augusto Duarte Amaral (examinador), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **HANNA DI PAULA DA SILVA BAPTISTA**, intitulado: *DANÇA DE SALÃO: A dama no mercado de trabalho*. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi APROVADO com conceito BOM  
com as seguintes observações Seguir as recomendações no  
trabalho escrito apresentado pela banca e  
do parecer do orientador.

e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 09 de Julho de 2019.

Prof.º Dr.º Ricardo Augusto Gomes Pereira  
Orientador

Prof.º Dr.º Jaime Augusto Duarte Amaral  
Examinador (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura *Hanna Di Paula da Silva Baptista*

Hanna Di Paula da Silva Baptista

Belém, 12 de Agosto de 2019

Dedico este trabalho à todas as mulheres,  
professoras de Dança de Salão, profissionais  
de mérito que lutam por maior espaço,  
reconhecimento e equidade!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Universidade Federal do Pará e à Escola de Teatro e Dança pela excelente estrutura, suporte e curso ofertado.

Agradeço ao meu orientador, professor Ricardo Pereira, por ter sido sempre atencioso, doce e incansável, acrescentando muito ao trabalho com toda a sua inteligência.

A professora Maria Ana por tanto suporte, apoio e oportunidades concedidas.

Agradeço à Cia. Cabanos, especialmente ao meu mestre, Rolon Ho, por todas as oportunidades e ensinamentos.

Agradeço a todas as mulheres, professoras da Dança de Salão, por terem inspirado e instigado a escrita deste trabalho, em especial: Aline Moreira, Thais Sousa, Heloá Tavares, Mayra Silva, Lívia Paixão, Edilene Rosa e Aryane Simões.

Agradeço, sobretudo, às mulheres incríveis da minha família: minha mãe Rosenilda, minha mãe Rosilda e minhas irmãs Giovanna, Márcia, Lívia, Carolina, Amaranta e Marcela, por serem exemplos de mulheres independentes e fortes, sempre despertando o melhor em mim.

Ao meu pai Antonio Cesar Baptista, por ter sido sempre grande incentivador do meu fazer artístico e apoiador de minha escolha profissional.

Ao meu namorado, João Rocha, por todo incentivo e apoio que foram fundamentais durante este processo.

“Civilizatriz [...], a força que a dança de salão tem, capaz de elevar qualquer indivíduo, para quem o interesse seja despertado, a um patamar de convivência inteligente.”

(Maristela Zamoner)

## RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar a atual participação feminina no mercado de trabalho da Dança de Salão em Belém do Pará a fim de compreender o baixo índice de participação feminina neste contexto. Além de: Investigar a realidade vivida por mulheres que atuam como profissionais de Dança de Salão em Belém do Pará, com base em seus conhecimentos empíricos compartilhados por meio de entrevista concedida; Desvendar quais são as principais dificuldades enfrentadas por estas mulheres para ingressar e para manter-se neste mercado de trabalho; Colaborar para a emancipação profissional feminina no cenário da Dança de Salão belenense.. Para isto, realizou-se levantamentos históricos que mostram a trajetória de homens e mulheres, em períodos diferentes, no mercado e na referida modalidade, englobando os contextos internacional, nacional e local. Adotou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, feita por meio de entrevista semiestruturada, de maneira virtual, realizada com sete mulheres profissionais da Dança de Salão, que tivessem, no mínimo, 2 anos de atuação na área, no município de Belém/PA. Os resultados da pesquisa indicaram que, atualmente, grande parte da força de trabalho na Dança de Salão é constituída por mulheres jovens, na faixa etária entre 20 a 36 anos, sendo que, das sete entrevistadas, seis têm curso de nível superior. A partir da observação do contexto no qual estão inseridas, seis das sete colaboradoras afirmaram que a área é majoritariamente dominada por profissionais do sexo masculino. Em suas falas, constatou-se que as mulheres ainda são marcadas por preconceitos de gênero em diversos contextos. Embora se tenha uma evolução ainda que gradativa, as conquistas alcançadas não são completamente satisfatórias e os relatos demonstraram que as entrevistadas almejam que a modalidade seja constituída fora das relações de poder, com maior equidade e com maior participação feminina. Concluiu-se que é urgente e necessário que profissionais e praticantes da Dança de Salão rompam com as barreiras e construções sociais que são prejudiciais àquelas que são ou que desejam ser profissionais deste mercado em Belém/PA. Ressalta-se que o empoderamento e a qualificação garantem o bem-estar feminino, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional, de maneira a assegurar a valorização das mulheres atuantes na Dança de Salão.

**Palavras-Chave:** Dança de Salão. Mulher. Mercado de trabalho. Feminismo. Empoderamento.

## ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the low participation and the major difficulties faced by women to enter in the labor market of the Ballroom Dance in Belém, state of Pará, Brazil. The study is a historical survey of the path of men and women, in different periods, in the labor market as well as the Ballroom Dance, including the international, national and local contexts. The methodology adopted was the qualitative research by means of a semistructured interview, in a virtual way, performed with seven woman dancers who had at least 2 years of experience in Ballroom Dance, in Belém. The results indicate that, nowadays, most of the female workforce in the marketplace of the studied area is composed of young women, between 20 and 36 years old. Six out of seven interviewees have a college degree course and six of them stated, taking a look at their context, that male professionals dominate the area. According to their speeches, women are still marked by gender prejudice in various backgrounds. Even though there is a gradual evolution, the achievements are not satisfactory yet and the interviewees long for greater fairness and female participation, outside the power relations between the genders in their professional branch. Therefore, it is urgent and necessary that professionals and practitioners of the Ballroom Dance break the barriers and social constructions that are harmful to them and for all who wish to work as a ballroom dancer in Belém. Finally, the empowerment and qualification are essential to assure women's welfare, both in the personal and professional spheres, and the valorization of women performing at the Ballroom Dance.

**Keywords:** Ballroom Dance. Woman. Labor market. Feminism. Women's Empowerment.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Foto 1</b> - Espetáculo Artistas.....	11
<b>Foto 2</b> - Certificação profissional pelo mestre Rolon Ho.....	12
<b>Foto 3</b> - Aula dos professores Hanna di Paula e João Rocha no 13º Fest Salão.....	12
<b>Foto 4</b> - Alunos dançando em baile da Cia.Cabanos.....	18
<b>Foto 5</b> - Rullien Polizeli e Aline Moreira apresentando sua coreografia “Pequena notável” no evento Gafieira Brasil, no Rio de Janeiro.....	20
<b>Foto 6</b> - Sheila Santos em posição de dança para a revista online Dança em Pauta.....	22
<b>Foto 7</b> - Turma da professora Mayra Silva.....	30
<b>Foto 8</b> - Turma da professora Lívia Paixão.....	30
<b>Foto 9</b> - Turma da professora Heloá Tavares.....	30
<b>Foto 10</b> - Palestra da professora Edilene Rosa.....	30

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>UM PERCURSO INVESTIGATIVO PELOS SALÕES.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>DANÇA DE SALÃO: HISTÓRIA E CONCEITOS.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>A Dança de Salão no Brasil.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Conceitos e fundamentos da Dança de Salão.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>HISTÓRIA DAS MULHERES – MOVIMENTO FEMINISTAS E AS LUTAS SOCIAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Contexto histórico do movimento feminista.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2</b>	<b>O movimento feminista no Brasil.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1</b>	<b>A mulher no mercado de trabalho da Dança de Salão no Brasil .....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO DA DANÇA DE SALÃO EM BELÉM/PA .....</b>	<b>25</b>
<b>5.1</b>	<b>Desigualdade e preconceito de gênero .....</b>	<b>25</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>36</b>

## 1 UM PERCURSO INVESTIGATIVO PELOS SALÕES

Há sete anos, mais especificamente em novembro de 2011, ingressei no universo encantador da Dança de Salão, na Cia. de dança Cabanos, em Belém do Pará, cujo fundador chama-se Rolon Ho. Rolon Ho é professor, bailarino e coreógrafo de Dança de Salão, formado em Educação Física pela Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) Curso de Licenciatura. Proprietário da empresa Cia.de dança Cabanos e realizador dos eventos e espetáculos:

- Fest Salão 10ª Edição (Festival de Dança de Salão)
- Espetáculo “Subúrbios” (Vencedor do Oscar Paraense 2013-Melhor Espetáculo de Teatro e Dança)
- Espetáculo “Artistas”
- Espetáculo “Que Dança Pai d’égua!”

Foi na Cia. de dança Cabanos que, graças ao meu mestre Rolon Ho, recebi diversas oportunidades de evoluir como dançarina e me tornar uma profissional da área. Ingressei como aluna, posteriormente fui convidada a fazer parte do grupo de bolsistas, depois ingressei para o grupo coreográfico. Foi neste período que comecei a trabalhar com meu atual parceiro de dança João Rocha e passamos a trilhar um caminho mais profissional. A partir de então passei a ser instrutora da escola, até ser considerada, pelo mestre Rolon Ho, apta a atuar como professora de Dança de Salão.

Fotografia 1: Espetáculo Artistas



Fonte: Márcio Loureiro (2015)

Fotografia 2: Certificação profissional pelo mestre Rolon Ho



Fonte: Márcio Loureiro (2015)

Foto 3: Aula dos professores Hanna di Paula e João Rocha no 13º Fest Salão



Fonte: Márcio Loureiro (2017)

Nestes últimos anos, após algum tempo imersa neste contexto, cresceu em mim um sentimento de inquietação acerca das heranças patriarcais claramente refletidas nesta arte à qual me dedico, fato este que influencia, negativamente, na atuação de mulheres no mercado de trabalho da Dança de Salão, especificamente em Belém.

Sabemos que o Brasil possui uma cultura extremamente machista. Nós, mulheres, podemos facilmente percebê-la nos mínimos detalhes em nosso cotidiano, de maneira

explícita ou implícita. Segundo pesquisa<sup>1</sup> do IBOPE Inteligência (2017), encomendada pela marca de cerveja Skol, o machismo é o preconceito mais praticado no país, bastante presente no cotidiano de 99% dos brasileiros e é mais forte nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil.

Em contrapartida, graças às lutas femininas, as mulheres têm, atualmente, a possibilidade de tomar diversas frentes, ocupando espaços de poder e tomando decisões que antigamente não eram possíveis, seja na sociedade, na política, no mercado de trabalho, em casa e, até mesmo, sobre os próprios corpos. São direitos e liberdades perante a lei, porém, em muitos países, as mulheres ainda lutam para tê-los e exercê-los, tais como o direito ao voto, o direito de estudar e trabalhar, de escolher com quem quer se relacionar, leis que amparam e protegem. Na prática de execução destas leis, existem muitas falhas, o que demanda lutas diárias para assegurar os direitos e liberdades, em todos os aspectos.

A Dança de Salão ainda reproduz com frequência alguns discursos de cunho machista e retrógrados, reforçando a ideia de que o sexo feminino é frágil, emotivo e submisso, reafirmando, por outro lado, características atribuídas aos homens como, força, racionalidade e poder, estereótipos que, quando fomentados, aumentam a sociedade/cultura patriarcal e todas as suas consequências negativas, que afeta diretamente e de diversas maneiras a vida das mulheres: na tomada de atitudes e decisões antes, durante e depois de uma dança, chegando, inclusive, a prejudicar a sua inserção no mercado de trabalho como profissionais desta modalidade.

Conquistar espaços de poder e autoridade profissional dentro da Dança de Salão, trata-se de empoderar as mulheres que buscam por maior liberdade, autonomia e equidade, garantindo, simbolicamente, a representatividade feminina na sociedade brasileira. Acredito na arte como reflexo da sociedade e, acima de tudo, como sendo um instrumento de transformação social. Trata-se, também, de garantir a igualdade entre homens e mulheres, que é possível graças à força civilizadora da Dança de Salão, conforme afirma Zamoner (2016):

Civilizatriz [...] a ideia de saída de um estágio individual primitivo, em direção à conduta de integridade que beneficia o coletivo [...], a força que a Dança de Salão tem, capaz de elevar qualquer indivíduo, para quem o interesse seja despertado, a um patamar de convivência inteligente. (ZAMONER, 2016, p. 11).

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, com o uso da transdisciplinaridade entre as Ciências Humanas e Sociais, dialogando, diretamente, com o movimento feminista, por entender todas as suas lutas e conquistas em favor das mulheres. O trabalho parte da

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.promoview.com.br/live-marketing/skol-realiza-pesquisa-inedita-sobre-o-preconceito.html>. Acesso em: 09 mai. 2019.

análise de um fenômeno que ocorre na Dança de Salão, em Belém do Pará, que é a presença de poucas profissionais que atuam como professoras e/ou que assumem cargos de poder, tais como: donas de escolas, mestras e coreógrafas. Esta análise foi feita com base na teoria crítica, afim de encontrar o sentido deste fenômeno, compreendendo quais fatores ocasionam o baixo índice de atuação feminina no contexto profissional da Dança de Salão, além de interpretar os significados que as entrevistadas dão a este fenômeno, considerando suas vivências, opiniões, crenças, valores e aspirações.

Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar a atual participação feminina no mercado de trabalho da Dança de Salão em Belém do Pará afim de compreender o baixo índice de participação feminina neste contexto. Além de:

- Investigar a realidade vivida por mulheres que atuam como profissionais de Dança de Salão em Belém do Pará, com base em seus conhecimentos empíricos compartilhados por meio de entrevista concedida;
- Desvendar quais são as principais dificuldades enfrentadas por estas mulheres para ingressar e para manter-se neste mercado de trabalho;
- Colaborar para a emancipação profissional feminina no cenário da Dança de Salão belenense.

Identifico, também, características que se comparam às teorias e aos tipos de pesquisa que fundamentam a pesquisa qualitativa. De acordo com Antonio Chizzotti (2003),

A pesquisa qualitativa abriga, deste modo, uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram, genericamente, sob este termo: podem ser designadas pelas teorias que as fundamentam: fenomenológica, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós-modernista; podem, também, ser designadas pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida etc. outros preferem denominar pesquisa de campo para designar o local físico e social onde os dados foram coletados em diferenciação aos locais que exercitam o controle, como laboratórios; genericamente chamada, também, por alguns, pesquisa de cunho etnográfico, fenomenológico, construtivista, etc. para indicar a adoção dos fundamentos e procedimentos da pesquisa sem, contudo, adotar todas as particularidades de um estudo de uma disciplina científica. ImproPRIAMENTE e, às vezes, ironicamente, é designada pesquisa leve (soft), realizada no convívio com pessoas e fatos. Oposta às ciências que se autodenominam duras (hard), realizadas na impessoalidade dos dados, nas clausuras laboratoriais ou em laboriosas exegeses estatísticas. (CHIZZOTTI, 2003, p. 223).

Com fins sociais, busco dar voz às mulheres que já atuam como professoras de Dança de Salão na cidade de Belém do Pará, respeitando seu lugar de fala e suas vivências, contribuindo positivamente para uma maior atuação profissional neste mercado de trabalho. Para isto, foi realizada uma entrevista com mulheres, profissionais de Dança de Salão, onde

são tratados todos os aspectos inerentes à situação mencionada, bem como suas dificuldades e anseios.

Com base na pesquisa qualitativa, Chizzotti (2003) diz que:

A escola de Chicago criou um método interpretativo realista a partir das narrativas orais de história de vida cotidiana de pessoas comuns, adotando um realismo literário que utilizava a linguagem, as percepções, os sentimentos e os pontos de vista dos pesquisados; o pesquisador assume uma posição empática com o ambiente, as pessoas e os problemas que aborda, confiante de que a descrição dos problemas identificados é, também, o meio tanto de revelação quanto de solução desses problemas sociais<sup>2</sup>.

O critério de seleção utilizado para as entrevistas considerou dois pontos: ser mulher que atua profissionalmente na Dança de Salão em Belém e ter o mínimo de dois anos de experiência.

Para estabelecer um diálogo, foi realizada a coleta de dados por meio de um questionário<sup>3</sup>, o qual se constitui uma forma metodológica de colher narrativas, compreendendo a

[...] uma das formas através da qual o ser-no-mundo exercita a sua compreensibilidade. À medida que o narrador conta a sua história, carrega consigo os significados que constituem o seu ser/estar-no-mundo [...]”. Assim, a pesquisa que se utiliza da narrativa, busca compreender a experiência, situa-se numa ótica fenomenológica e existencial. (DUTRA, 2002, p. 375).

As entrevistas foram realizadas no período de 21 de novembro a 20 de dezembro de 2018, onde investigou-se os perfis<sup>4</sup> das participantes e quais são as suas percepções e aspirações sobre a profissão e sobre as profissionais da área em questão. Buscou-se compreender se há diferença quantitativa entre homens e mulheres atuando na Dança de Salão, como se deu o ingresso destas mulheres neste mercado e quais foram os enfrentamentos vivenciados.

Espera-se contribuir para a emancipação profissional feminina na referida área, que acredito ser um fator forte e positivo na transformação da vida das mulheres que já atuam ou pretendem atuar nesta profissão. Espera-se, ainda, cooperar, academicamente, com uma pesquisa que enriqueça e crie subsídios para os estudos voltados para a modalidade de Dança de Salão.

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 226.

<sup>3</sup> Ver: **APÊNDICE A** – Instrumento de coleta de dados da pesquisa, p. 36.

<sup>4</sup> Considerou-se as seguintes categorias de análise: idade, escolaridade, anos de atuação no mercado de trabalho e instituições em que atuam.

## 2 DANÇA DE SALÃO: CONTEXTO HISTÓRICO, CONCEITOS E FUNDAMENTOS

Para compreender de onde vem a tradicional estrutura da Dança de Salão, seus principais fundamentos e modelo vigente, faz-se necessário entender o contexto histórico, cultural e social no qual nasceu esta modalidade. Neste capítulo foi realizado um breve levantamento histórico do surgimento da Dança de Salão, seguindo até os dias atuais.

A nomenclatura ‘Dança de Salão’ advém, morfológicamente, do termo em inglês *ballroom*, que significa ‘salão de baile’. A palavra alemã *ball* tem sua origem no neolatim, das palavras *ballare* ou *ballatio*, que eram utilizadas para referir-se às danças em pares. (GRANGEIRO, 2018, p. 59).

A cultura de dançar em pares independentes e de forma lenta, devido aos trajes e ornamentos pesados que eram utilizados naquela época, teve início por volta do século XIII. A Dança de Salão ou Dança Social é assim chamada por ser praticada por casais, em grandes salões, durante reuniões sociais, possibilitando o estreitamento das relações entre as pessoas.

Foto 4: Alunos dançando em baile da Cia.Cabanos



Fonte: Márcio Loureiro (2017)

Ganhou forças, de fato, durante os séculos XIV e XVI, compreendendo ao Renascimento europeu. Neste mesmo período, surge um poema chamado *Quar mot ome fan vers* de Raimon de Cornet (1324-1350), que é considerado o primeiro registro textual de uma dança a dois, neste caso, a *basse dance*.

A partir do século XVI, ainda durante o Renascimento, as atividades culturais ganharam grande destaque no governo do rei Luiz XIV, em especial a dança, a realização de bailados e espetáculos, além de outras modalidades de arte, como a música e o teatro. Estes bailes ou bailados foram os principais meios de difundir pelo mundo o que viria a ser, mais tarde, a Dança de Salão, tornando-a um divertimento popular.

Neste sentido, passou a ser realizada tanto em seu lugar de origem – os grandes salões dos palácios – onde era praticada pela nobreza com o nome de ‘danças da corte’, como também pelos plebeus, que faziam as ‘danças folclóricas’. (PAULA, 2008, p. 12).

A valsa é considerada a primeira Dança de Salão, sendo a mais popular no século XIX. Sua origem é muito contestada, pois há muitas especulações de seu lugar de origem, a saber: Alemanha, Alpes Austríacos e Itália. Inicialmente, era dançada em círculo, executando-se com uma das mãos dadas, em que a dama dependia do cavalheiro para dançar e vice-versa. Segundo Zamoner (2016, p. 38), “há quem diga que as danças coreografadas, como a *basse dance*, levaram ao desenvolvimento posterior da pavane e, mais tarde, do minueto, que abririam caminho para a chegada da valsa em 1780, a primeira dança de salão”. A postura de Dança de Salão como se conhece atualmente, passou a ser utilizada a partir da valsa, no ano

de 1812. Segundo Paula (2008, p.13), “primeiramente isso foi um escândalo na Inglaterra, mas o susto durou pouco e a valsa foi aceita”.

Ao longo dos séculos e conforme foi se difundindo, cada povo criou sua sua própria forma de Dança de Salão, de acordo com a sua cultura. Segundo Gil (2010, p. 6 apud GRANGEIRO, 2018, p. 63), atualmente, existem diversos gêneros de dança a dois, dentre eles, pode-se destacar:

Baião, bachata, bolero, calipso, cha-cha-cha, côco, *country*, cumbia, forró, *foxtrot*, *habanera*, *hustle*, *jive*, lambada, lindy hop, mambo, maxixe, merengue, milonga, pagode, *paso doble*, *quickstep*, rancheira, rock, rumba, salsa, samba, *son*, soltinho, *slow-fox*, *swing*, tango, valsa, *west coast swing*, xote, *zouk*.

## 2.1 A Dança de Salão no Brasil

É ainda no século XVI que a Dança de Salão chega ao Brasil, trazida pelos portugueses e por imigrantes de outros países da Europa, que, segundo Paula (2008, p.17), chegavam carregados de gostos e hábitos sociais europeus, incluindo suas danças e costumes de bailes.

Pontes (2011, p. 24 apud GRANGEIRO, 2018, p. 69) afirma que os “professores europeus vieram ao nosso país para ensinar à nobreza brasileira, de modo que esta pudesse se atualizar com o que acontecia na Europa em relação à dança”. Portanto, inicialmente, esta modalidade é um privilégio somente da classe alta. A classe baixa, que eram os escravos, desenvolviam suas próprias danças.

Não tardou para que as danças europeias sofressem forte influência das danças locais e das culturas indígenas e africanas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de futuros novos gêneros de dança e música genuinamente brasileiros.

O Maxixe foi a primeira Dança de Salão originalmente brasileira e surgiu por volta de 1870. Era considerada, para a época, uma dança abusada e podia ser dançada em diferentes gêneros musicais, como: polca, *schottish* (xôtis), mazurka e tango. Nesta ocasião, ainda não havia o gênero musical Maxixe. Este viria a surgir somente mais tarde. (PERNA, 2005, p. 26 apud GRANGEIRO, 2018, p. 66). O Maxixe foi, também, essencial para o desenvolvimento de diversas outras Danças de Salão brasileiras, como o samba de gafieira, bolero, soltinho, lambada, *zouk*, forró, etc.

A Dança de Salão brasileira é uma arte em constante evolução que além de demonstrar sua forma rica e plural, se enraíza em cada cultura absorvendo o meio expressando-se em movimento. Cada lugar tem suas características singulares na

forma de dançar, obedecendo à ação de adaptação e emersão. Sendo assim, cada um tem sua história, seus protagonistas, suas formas de se expressar, pensar, agir e que também pode ser revelada através das danças de salão. (GRANGEIRO, 2018, p. 67).

Nos anos de 1980, no período das discotecas, os casais passaram a dançar de forma livre e solta, sem se tocar, ou até mesmo sem pares. A Dança de Salão perdeu sua popularidade, desaparecendo da mídia, passando a ser considerada uma prática de pessoas mais velhas, antiquadas e periféricas. O seu suposto “desaparecimento” seria, na verdade, um momento de invisibilidade que durou cerca de vinte anos, voltando a ganhar destaque na mídia e a fazer parte da vida social das pessoas a partir da década de 1990 (PEREIRA, 2016, p. 9), sendo a lambada – fusão de ritmos caribenhos com o forró e o carimbó brasileiro – um elemento fundamental para a redescoberta da Dança de Salão, que atraiu o público jovem e tornou-se sucesso internacional.

Atualmente, o Samba de Gafieira é a Dança de Salão brasileira mais popular, sendo conhecido e reconhecido em diversos lugares do mundo como característico da cultura popular brasileira. Nasceu entre os anos de 1940 e 1950 nos subúrbios do Rio de Janeiro. (PAULA, 2008, p. 17-18). A palavra ‘samba’ advém de ‘semba’, que significa ‘umbigada’. Já a palavra ‘gafieira’ refere-se ao local onde, inicialmente, se ia para dançar samba, lugar onde as pessoas cometiam gafes. (COSTA, 2013, p. 18-20).

Foto 5: Rullien Polizeli e Aline Moreira apresentando sua coreografia “Pequena notável” no evento Gafieira Brasil, no Rio de Janeiro.



Fonte: Dance a dois (2018)

## 2.2 Conceitos e fundamentos da Dança de Salão

A Dança de Salão possui alguns conceitos e fundamentos que constituem tradicionalmente sua estrutura, os principais são: abraço, dama, cavalheiro, condução e floreio. Os casais são, tradicionalmente, formados por uma mulher e por um homem, que, como um dos conceitos desta modalidade, são chamados de dama e cavalheiro, respectivamente. Neste sentido, Zamoner (2016) define que:

Dama – é a entidade feminina do casal, a unidade da Dança de Salão, que se comporta com integridade, exercendo seu domínio ao selecionar o cavalheiro que irá conduzi-la, enquanto demonstrará seu grau de satisfação. Cavalheiro – é a entidade masculina do casal, a unidade da Dança de Salão, que se comporta com integridade, submetendo-se à decisão da dama em aceitar ou não sua condução, que ocorre com a finalidade de satisfazê-la. (ZAMONER, 2016, p. 52).

Portanto, o cavalheiro/homem é a entidade do casal que conduz e a dama/mulher é a unidade a ser conduzida. Segundo Zamoner (2016), a condução “é a proposição de movimentos que o cavalheiro faz para a dama, que a acata e responde de forma personalizada, influenciando as conduções seguintes e estabelecendo uma comunicação que se mantém durante toda a dança<sup>5</sup>”.

Em algum momento da história, o fato do cavalheiro conduzir a dama foi confundido e distorcido para a ideia de que ele deveria mandar na dama, o que é um grande equívoco, pois, além de ser uma conduta machista, não condiz com o propósito de cordialidade entre os pares. Segundo Zamoner (2016, p. 65), “o machismo, que parte do princípio que o homem é superior à mulher, é uma das manifestações mais antagônicas ao cavalheirismo”.

Estes conceitos de cavalheiro/homem, dama/mulher, sendo respectivamente condutor e conduzida nos apresentam um caráter heterossexual presente nos primórdios desta arte, porém, na atualidade, estes conceitos não mais dependem do sexo ou sexualidade.

Esta forma de se relacionar também abre caminho para novas formas de pares: homens dançando entre eles, mulheres dançando entre elas, mulheres no papel de condutoras e homens no papel de conduzidos. O gênero em nada influencia na comunicação do par, se esta se faz de maneira aberta e generosa. (SANTOS, 2012, p. 8).

Ressalta-se, no entanto, que nem sempre na história da Dança de Salão os pares foram formados por um homem e uma mulher, visto que, em seu início, as mulheres consideradas “corretas” e “de família” não deveriam frequentar aulas de dança por ser prejudicial à sua reputação. Logo, os movimentos eram criados e praticados somente por homens. As mulheres

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 85.

tinham acesso a este conhecimento somente nos eventos sociais, nos quais iam acompanhadas de seus familiares ou esposos. Sua única função era a de acompanhar a condução do seu parceiro de dança, sendo considerada apenas como a beleza e charme da dança a dois.

Sheila Santos (2012) é uma personagem de extrema relevância para a liberdade feminina na Dança de Salão, devido ao trabalho que desenvolve nesta área. A profissional relata que, diariamente, é colocada frente a frente com estas questões, tanto como dama do salão, quanto como professora, e que, por este motivo, tem como principal objeto de estudo as relações entre homens e mulheres nesta modalidade.

Mesmo estudando a técnica, entender e aceitar que outra pessoa iria escolher e planejar meu movimento não foi uma tarefa muito fácil. Foi um longo caminho até permitir e entregar minhas possibilidades corporais para que a ideia de outra pessoa se realizasse, pois tinha sempre a impressão de que minhas intenções, vontades e sensações eram constantemente tolhidas. . (SANTOS, 2012, p.3).

Foto 6: Sheila Santos em posição de dança para a revista online Dança em Pauta



Fonte: <http://site.dancaempauta.com.br/o-dialogo-dancante-da-dama-contemporanea/>

Esta condução se dá, fundamentalmente, por meio do abraço, que passou a ser aceito em 1812 e é utilizado até os dias de hoje como pose oficial. Paula (2008, p.13) diz que a Dança de Salão era formada, inicialmente, por casais em círculo ao redor do salão que executavam várias figuras com apenas uma das mãos dadas, com o uso de luvas, já que, para a época, o abraço seria um verdadeiro escândalo.

O primeiro momento de liberdade de expressão feminina na dança a dois acontece por meio dos floreios, que são enfeites que utilizados nos momentos em que a dama, enquanto não está em contato com o abraço do cavalheiro, pode usar para tornar tanto a sua dança, quanto a do casal, mais atraente, interessante e charmosa. Ao utilizá-lo, a dama ainda deve permanecer totalmente à disposição do seu par, tendo sempre o cuidado de não modificar a ideia inicial do seu parceiro, caso contrário, será considerada como insuficiente por ser uma “dama rebelde” ou que “atrapalha” o cavalheiro. Por este motivo, muitas entendem os floreios como sendo um artifício inviável e os descartam de suas danças.

Santos (2012) aponta o conceito de ‘silêncio’ que surge a partir de suas inquietações e necessidades de expressão. O silêncio consiste em uma pausa na condução, gerada pelo cavalheiro, para que a dama decida o tempo e a forma de finalizar suas movimentações. Somente quando comunica corporalmente a finalização de sua ideia é que o parceiro torna a conduzi-la, possibilitando à mulher maior liberdade de expressão dentro da dança a dois. (SANTOS, 2012, p. 3).

A autora, em seus estudos, relata que solicita, corporalmente de seu cavalheiro, mais espaços para se expressar no decorrer de uma dança, a fim de ensinar tais estratégias aos seus alunos e alunas, além de explicar à comunidade da Dança de Salão como se davam estes processos. A professora estabeleceu, de maneira didática, os quatro estágios de relacionamentos nas danças a dois, sendo o quarto estágio considerado o ápice da relação entre os parceiros, um estágio de comunhão no qual o verdadeiro diálogo dançante se estabelece.

Acredito que estamos caminhando na construção de um diferente diálogo dançante. A dama atual, com toda sua força e sensibilidade, participa desta conversa muito mais ativamente, não apenas respondendo. Essa dama também tem muito a dizer sobre ela mesma, sobre ele e sobre os dois, seja por meio dos seus enfeites, da sua forma de ouvir a música ou de toda a expressividade do seu corpo. (SANTOS, 2012, p. 9).

### **3 HISTÓRIA DAS MULHERES – MOVIMENTO FEMINISTA E AS LUTAS SOCIAIS**

No capítulo anterior observou-se que a Dança de Salão, vista pela perspectiva do movimento feminista, apresenta diversas situações que limitam ou inibem a liberdade de ação e a tomada de decisões da mulher neste contexto. Diante tais constatações, o presente capítulo

dialoga com o movimento feminista para tratar sobre a liberdade e equidade entre os gêneros, esclarecendo a importância de fazê-lo em todos os âmbitos da vida social da mulher.

Sobre o movimento feminista, deve-se, primeiramente, esclarecer que possui discursos e práticas extremamente variados e distintos, apresentando diversas vertentes, tais como: o feminismo negro, interseccional, radical, liberal, LGBTI, etc. Ressalta-se, no entanto, que esta pesquisa não se aprofunda em nenhuma das categorias citadas, pois o foco é justamente o que os une: a liberdade, a igualdade e a autonomia. De modo geral, o feminismo tem como principais objetivos o compromisso de acabar com a dominação/supremacia masculina e a redefinição de identidade da mulher, unificando, assim, a luta das mulheres com um processo de transformação das relações sociais em sua totalidade.

### 3.1 Contexto histórico do movimento feminista

Diversas mulheres, durante a história, rebelaram-se contra sua condição social, política ou simplesmente humana, e, na luta pela liberdade, muitas pagaram com suas próprias vidas. O movimento feminista é também popularmente conhecido como feminismo que, segundo Silva e Camurça (2013), advém da palavra *femme*, do francês, que significa ‘mulher’. Logo, o feminismo engloba tudo aquilo que diz respeito às mulheres. As autoras ressaltam, ainda, que “o feminismo é ao mesmo tempo uma teoria que analisa criticamente o mundo e a situação das mulheres, um movimento social que luta por transformação e uma atitude pessoal diante da vida”. (SILVA; CAMURÇA, 2010, p. 11).

Nem todas as mulheres refletem sobre a situação social de dominação e de exploração a qual estão submetidas, havendo muito desconhecimento sobre o tema. Neste sentido, muitas pessoas acreditam que o feminismo não é necessário por entenderem que as conquistas das mulheres aconteceram independentemente do movimento. No entanto, é importante destacar que todo movimento feminista é feminino, porém nem todo movimento feminino é feminista, pois é necessário que a mulher ou a instituição se reconheça como sendo feminista.

[...] O feminismo é um movimento criado, conduzido e sustentado por mulheres, é um movimento de mulheres e, portanto, é parte do movimento de mulheres em geral. Assim, o movimento de mulheres faz o feminismo, ao mesmo tempo em que é construído por ele. Um alimenta o outro<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Ibidem, p. 15.

Atualmente, encontra-se em um campo político, sendo um movimento social democrático e popular, cujo modelo surgiu durante a Revolução Francesa, entre os anos de 1789 e 1799, com a mulher enquanto protagonista e sujeito político. Gurgel (2010) afirma que este foi o ponto de partida para uma batalha histórica, iniciada pelas mulheres, pelo direito de participar ativamente da vida pública, no trabalho, na educação e na representatividade política. Segundo Silva e Camurça (2010), o feminismo difundiu-se pelo mundo nas décadas de 1980 e 1990, com origem nos movimentos sociais condizentes aos direitos humanos e revolucionários.

Em sua dimensão organizativa, o feminismo é a movimentação das mulheres na sociedade para fazer a luta por direitos, por mudanças, por igualdade, por justiça. Entretanto, a igualdade e a justiça que a gente quer não são possíveis nesta sociedade patriarcal, capitalista e racista. É preciso transformá-la. Por isto dizemos que o feminismo é um movimento que confronta o sistema de dominação e propõe a transformação social, pois quer transformar a vida das mulheres e toda a sociedade. (SILVA; CAMURÇA, 2010, p.12).

A chamada ‘primeira onda do feminismo’, aconteceu, segundo Pinto (2010), na Inglaterra, a partir das últimas décadas do século XIX, quando mulheres organizaram-se para lutar por seus direitos, dentre os quais, o primeiro a ficar mais popularmente conhecido foi o direito ao voto, cujas militantes ficaram conhecidas como *Sufragetes*. Este movimento teve início em 1897 com a fundação do *National Union of Women's Suffrage*, pela britânica Millicent Fawcett. As *Sufragetes* promoveram grandes manifestações em Londres, chegando até mesmo a serem presas diversas vezes. Porém, o nascimento oficial do movimento feminista ocorreu em Nova York, durante a Convenção de Seneca Falls, realizada entre 19 a 20 de julho de 1848, sendo a primeira convenção sobre os direitos da mulher nos Estados Unidos.

Esta fase inicial do feminismo na Europa e nos Estados Unidos começou a perder forças a partir da década de 1930, retomando sua importância apenas na década de 1960, com mais questionamentos acerca das relações de poder entre homens e mulheres e sobre a autonomia e liberdade feminina em relação ao seu próprio corpo. Pinto (2010) aponta três principais pontos responsáveis por marcar as mulheres e reavivar o movimento, a saber: o livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949; o lançamento da pílula anticoncepcional, primeiramente nos Estados Unidos e posteriormente na Alemanha; o livro *A Mística Feminina*, de Betty Friedan, considerado como a “Bíblia” do feminismo.

Na tradição da cultura patriarcal, nós, mulheres, somos seres moralmente inferiores, emocionalmente frágeis, intelectualmente incapazes, biologicamente determinadas.

Tudo isto o feminismo nega, ao mesmo tempo que afirma que nós, mulheres, [...] somos e devemos ser pessoas livres, com direito a ter direitos e com autonomia<sup>7</sup>.

O movimento feminista possui metodologias de ação, pois acredita que a mulher já está em desvantagem nos espaços de poder na sociedade patriarcal, portanto, torna-se fundamental fazer, permanentemente, uma análise desta situação, ideia corroborada por Silva e Camurça (2010, p. 26): “O que nos fragiliza, por onde podemos ser atacadas, que novas ações podemos iniciar para fazer frente às novas circunstâncias, como podemos nos fortalecer a cada momento das lutas”.

O feminismo é um movimento que prioriza a conscientização e o empoderamento de mulheres sobre sua própria opressão, possibilitando a transformação pessoal de suas militantes, na busca constante de autoconfiança, autonomia e liberdade.

O feminismo nasceu provocando conflitos e o conflito tem lugar importante na metodologia de ação do movimento feminista. Historicamente foi e é ainda o enfrentamento dos conflitos o que abre a possibilidade de transformação, sejam conflitos de cada mulher consigo mesma ou nas relações interpessoais e de intimidade, sejam conflitos nas relações sociais mais amplas. A luta feminista no mundo do trabalho se dá em uma perspectiva de transformação nos processos de exploração de classe e de divisão sexual do trabalho. Outra parte [...] é enfrentar as desigualdades no mercado de trabalho, enfrentar os salários desiguais, o assédio sexual e a desproteção social do trabalho das mulheres, ou seja, a ausência de direitos trabalhistas, de assistência e previdência social. [...] enfim, para o feminismo, a conquista da autonomia pelas mulheres é um objetivo e ao mesmo tempo uma condição para o fortalecimento do próprio movimento<sup>8</sup>.

### 3.2 O movimento feminista no Brasil

O feminismo no Brasil ocorreu por volta de 1910, juntamente com a luta pelo direito ao voto. As *Sufragetes* brasileiras eram lideradas por Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Segundo Pinto (2010, p. 19), esta conquista foi alcançada apenas 22 anos mais tarde, em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro. Para este processo, fez-se muito importante o movimento das operárias, que no ano de 1917, que já refletiam sobre a difícil e dolorosa situação da mulher que trabalhava, principalmente nas fábricas e oficinas<sup>9</sup>.

Assim como na Europa e nos Estados Unidos, o feminismo no Brasil diminuiu a partir de 1930, sendo retomado apenas em 1960. Porém, o país vivia um momento peculiar, tais

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 23-24.

<sup>8</sup> SILVA; CAMURÇA, Op. Cit.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 16.

como a Bossa Nova, a renúncia de Jânio Quadros e a chegada de João Goulart à presidência, aceitando o parlamentarismo, a fim de evitar um golpe de estado. (PINTO, 2010, p. 16).

O ano de 1963 foi o de radicalizações: de um lado, a esquerda partidária (estudantes e governo) e do outro, os militares, o governo norte-americano e uma classe média assustada. Em 1964 veio o Golpe Militar, relativamente moderado no seu início, mas que se tornaria, no mitológico ano de 1968, uma ditadura das mais rigorosas, promulgada por meio do Ato Institucional n.º 5 (AI-5), que transformou o Presidente da República em um ditador. Logo, este não era um dos melhores contextos para movimentos sociais no Brasil, visto que o regime militar coagia toda e qualquer luta política e/ou social. No entanto, no ano de 1970, em meio a tanta repressão, aconteceram as primeiras manifestações feministas.

Uma das maiores conquistas do movimento feminista brasileiro foi o Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), criado em 1984, que promoveu juntamente com o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), de Brasília, uma campanha nacional para a inclusão dos direitos das mulheres na Nova Carta Constitucional. Tal campanha resultou na Constituição Federal de 1988, que é uma das que mais garante direitos para a mulher no mundo.

#### **4 A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO**

No Brasil, até o ano de 1930, os trabalhadores eram proibidos pelo Estado de se organizarem em sindicatos. Somente a partir desta década, por meio de muitas lutas, surgiram as conquistas por direitos sociais no contexto do trabalho. Mais tarde, durante o mandato de

Getúlio Vargas (1940-1942), o governo realizou grandes avanços na área trabalhista, a saber: Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), estabelecimento do salário-mínimo e a organização sindical. Porém, por volta de 1980, após o período de industrialização do país, quase metade da população brasileira ainda não contava com o sistema de proteção social lançado em 1940, principalmente pelo fato de que as empresas ainda possuíam o direito de controlar as relações de trabalho, não informando os seus funcionários sobre seus direitos legais. Com isto, as condições subalternas de trabalho cresceram, gerando grande desigualdade social no país.

De acordo com um levantamento realizado pelo Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho<sup>10</sup> (CESIT, 2017), constatou-se que

O subemprego, o emprego informal, os contratos informais de trabalho, cresceu enormemente por conta do baixo grau de proteção social, contribuindo para que, apesar de todo o processo de desenvolvimento industrial, comercial e de serviços, se agravasse a distribuição de renda entre a população. Ou seja, o Brasil entra em um período em que, finalmente, há um forte desenvolvimento econômico, mas este é acompanhado por um desenvolvimento social desproporcional, fraco, de maneira que muito poucos irão se beneficiar daquele.

As mulheres, durante este período, encontravam-se dentre os poucos que se beneficiariam com o desenvolvimento econômico do país, por serem consideradas como mão-de-obra barata. Sendo assim, a mulher passa a fazer parte do mercado devido à necessidade que as indústrias tinham de baratear os custos, porém mantendo-as em condições precárias de trabalho e com salários que, segundo a CESIT (2017), chegavam a ser até 60% menores que os dos homens.

A perspectiva de considerar o gênero feminino como força secundária é uma construção social, que ocorre devido a uma divisão sexual do trabalho, onde há uma separação e hierarquização entre as esferas do público e do privado e da produção e da reprodução, além da crença em uma estrutura familiar na qual o homem é o principal ou o único provedor.

Segundo o estudo *Women in Business 2015*<sup>11</sup> da empresa Grant Thornton, o Brasil encontra-se em 3º lugar no *ranking* de países que menos promovem mulheres a cargos de direção. Outra informação interessante é que a força de trabalho feminina é muito forte e presente no serviço público estatutário, devido a uma distribuição mais igualitária dos postos

<sup>10</sup> Órgão criado em 1989, constituiu-se de um Conselho formado por representantes do Instituto de Economia e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE).

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.grantthornton.com.br/insights/articles-and-publications/women-in-business-2015/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

de trabalho e salários, já que no setor privado, as mulheres costumam ser direcionadas apenas para cargos considerados ‘femininos’ e de menor remuneração.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos – DIEESE (2013, p. 1 apud ANDRADE, 2016, p. 19),

De maneira geral, as mulheres enfrentam grandes dificuldades no mercado de trabalho, representam mais da metade da população desempregada e, quando ocupadas, percebem rendimentos menores do que o dos homens. A discriminação de gênero é um fator determinante para as possibilidades de acesso, permanência e condições de trabalho. A necessidade de transformar as condições nas quais elas se inserem e estão inseridas, constitui-se em um desafio relevante para a construção de novas relações sociais. Historicamente, a abordagem por sexo revela que as mulheres enfrentam grandes dificuldades no mercado de trabalho, tanto para conseguir uma ocupação quanto para mantê-la e, principalmente, por auferir rendimentos menores que os homens.

Portanto, no cenário brasileiro, as mulheres apresentam enormes dificuldades no contexto do mercado de trabalho, mesmo quando já inseridas nele. Além do contexto histórico, carregado de preconceito, as desigualdades salariais e a baixa remuneração são fatores que contribuem para esta problematização. Consequentemente, a Dança de Salão na capital paraense segue a mesma linha. No próximo capítulo, serão mostrados os relatos vivenciados pelas profissionais atuantes na área que confirmam a difícil rotina deste mercado.

#### **4.1 A mulher no mercado de trabalho da Dança de Salão no Brasil**

A partir de um levantamento bibliográfico feito por Marcelo Grangeiro (2018) é possível analisar, dentre os nomes masculinos, a presença de mulheres que são referências na Dança de Salão em algumas capitais do Brasil, com destaque para: a) Rio de Janeiro: Maria Antonietta, Jaime Arôxa, Carlinhos de Jesus, Raquel Mesquita, Jimmy de Oliveira, João Carlos Ramos; b) São Paulo: Madame Poças Leitão, Gino Fornaciari, Andrei Udiloff; c) Belo Horizonte: Jomar Mesquita.

Tal informação mostra-se bastante significativa por possibilitar uma visão mais ampla sobre este assunto, notando-se, inclusive, a diferença quantitativa entre profissionais de ambos os sexos, (para cada sete mulheres, há 3 homens). Ressalta-se que o intuito não é desmerecer as profissionais, pois são todas mulheres que ocupam cargos de poder e de alta relevância para a história da Dança de Salão brasileira, mas buscar dados sobre como se dá, ao longo da história, esta divisão sexual do trabalho e refletir os motivos pelos quais a área tem sido, majoritariamente, ocupada por homens.

## 5 A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO DA DANÇA DE SALÃO EM BELÉM/PA

Foto 7: Turma da professora Mayra Silva



Fonte: Mayra Silva (2018)

Foto 8: Turma da professora Livia Paixão



Fonte: Livia Paixão (2019)

Foto 9: Turma da professora Heloá Tavares



Fonte: Heloá Tavares (2018)

Foto 10: Palestra da professora Edilene Rosa



Fonte: Edilene Rosa (2019)

No capítulo anterior, tratou-se sobre as lutas das mulheres ao redor do mundo, visando o fim da supremacia masculina e a favor da redefinição identitária feminina com o objetivo de atingir uma transformação nas relações sociais.

Neste capítulo, será abordada a maneira negativa com que a estrutura patriarcal se desencadeia nas relações sociais entre homens e mulheres, e como reflete no mercado de trabalho, especificamente, na cidade de Belém do Pará. Serão apresentados os resultados das entrevistas realizadas com sete mulheres, sendo todas professoras de Dança de Salão, com o mínimo de 2 anos de atuação neste mercado.

## 5.1 Desigualdade e preconceito de gênero

A sociedade, estruturalmente, é patriarcal. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, por meio do seu Caderno de Formação (2016), cita Delphy (2009, p. 173), que conceitua o patriarcado como sendo “[...] o termo usado pelo feminismo para designar a formação social onde os homens detêm o poder; trata-se de um sistema sócio-político [...] presente nas relações interpessoais”. Tal formação social traz consigo diversos prejuízos às relações entre homens e mulheres, tais como o machismo e o sexismo

O Caderno de Formação (2016, p. 7) cita que gênero é um conceito introduzido pelo psicólogo e sexólogo John Money (1955), que distingue o sexo biológico das construções de papéis sociais, visto que “[...] não é determinado pela natureza ou pela biologia, mas pelo modo como as sociedades em determinados momentos históricos leem a natureza e lhes dão significados”. Esta nova compreensão sobre os papéis sociais ganhou força somente 15 anos mais tarde, por volta de 1970, quando o movimento feminista passou a aderir o conceito de gênero estabelecido por John Money.

O conceito de “gênero” foi formulado para explicitar que a diferença biológica entre os sexos não deveria restringir condições e possibilidades existentes para mulheres e homens. O conceito descreve que, em todo o mundo, predomina um sistema que delimita dois gêneros, feminino e masculino, e que impõe normas e regras bastante estreitas do que é ser mulher e ser homem<sup>12</sup>.

O preconceito de gênero é também conhecido pelo termo Misoginia, que significa ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres, possuindo uma relação direta com o termo Androcentrismo, que, segundo o Caderno de Formação Gênero e Autonomia Econômica para as Mulheres (2016), trata-se da “ideia de dois gêneros e de que o masculino é a referência [...]; elas funcionam como uma referência para nossa socialização no mundo”. Logo, referir-se à raça humana como “o homem” ou referir-se a um grupo composto de homens e mulheres resumindo-os ao artigo masculino, são exemplos de comportamentos androcêntricos considerados comuns na sociedade. Das sete entrevistadas<sup>13</sup>, cinco afirmaram já ter sofrido preconceito de gênero no ambiente de trabalho, conforme relato da Entrevistada n.º 1, a seguir.

---

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/caderno\\_genero\\_autonomia.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/caderno_genero_autonomia.pdf). Acesso em: 01 mai. 2019.

<sup>13</sup> Por questões éticas, os nomes das participantes da entrevista foram substituídos pelo termo “Entrevistada n.º”, seguido da numeração, que vai de 1 a 7, de modo a ordenar cada relato fornecido.

*“Trabalhamos com pessoas, com realidades sociais, e o pensamento que destaquei na resposta anterior ainda existe em muitas pessoas, pois não é um problema da Dança de Salão, mas uma questão histórica e social das relações de poder do homem sobre a mulher, que acabam por influenciar diretamente em nosso fazer, ninguém questiona a capacidade de uma professora de ballet por ser mulher afrente de um espetáculo, turma, ou etc, mas questiona-se a mulher quando ela e o homem estão em mesmo ambiente, percebo que não são nossas habilidades e competências que são avaliadas, e sim o fato de ser um homem e uma mulher colocados em relação de valia”.* .

Esta relação de valia, é o resquício de uma sociedade androcêntrica, em que o homem é sempre visto como superior em inteligência e capacidades. A Entrevistada n.º 2 compartilha destes pensamentos ao dizer que *“existem diversas barreiras, é histórico, o homem estar à frente da mulher e na dança de salão isso não seria diferente, os cavalheiros que predominam em diversos aspectos [...] sua palavra é dita “verdadeira” muitas vezes [...]”*.

De fato, estas questões sobre machismo, desigualdade, preconceito de gênero e divisão sexual do trabalho são históricas e estruturais na sociedade brasileira como um todo. Não se trata apenas sobre a Dança de Salão e sim sobre um sistema que tradicionalmente tem como base uma estrutura patriarcal. Sobre isto, Guimarães (2012, p. 61-62 apud ANDRADE, 2016, p. 16), assevera que:

Tradicionalmente, as mulheres participam menos que os homens no mercado de trabalho, entre outros fatores devido a barreiras culturais que ainda persistem, e a uma divisão sexual do trabalho que lhes atribui as funções de cuidado e reprodução social na esfera doméstica, que não são consideradas trabalho, subtraindo assim tempo para a inserção no mercado de trabalho.

Kergoat (2009, p. 68) citado no Caderno de Formação (2016, p. 10), da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, explica que:

A divisão sexual do trabalho tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, e simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.) Esta forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio de hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher.

Esta divisão sexual do trabalho tem enorme impacto negativo na autonomia econômica das mulheres, pois embora a presença feminina no mercado tenha aumentado, ainda há grandes diferenças salariais.

A Entrevistada n.º 4 relatou nunca ter enfrentado dificuldades por ser mulher, no entanto, relaciona que isso ocorre, *“[...] provavelmente, pelo fato de ter um trabalho paralelo à dança e não assumir turmas na escola, já que apenas auxilio o meu parceiro nas aulas”*. Já

a Entrevistada n.º 6, diz já ter sofrido no passado: “*Sim [...] não tínhamos abertura e nem credibilidade para assumir turmas, sendo assim, ainda me sentia muito insegura para dar aula*”. Porém, admite ser, hoje em dia, uma mulher privilegiada:

*“Por incrível que pareça hoje eu não encontro nenhum tipo de dificuldade ou de preconceito por ser uma mulher atuando na área da dança de salão em Belém. Claro que isso ocorre devido o meio a qual estou inserida, pois hoje na Cabanos existem vários pensamentos e estudos voltados para as professoras mulheres existentes na Cabanos”.*

Estas narrativas deixam claro o fato de que, para a maioria das mulheres se firmarem e se reafirmarem como profissionais no mercado de trabalho da Dança de Salão, é necessário provar ser ‘duas vezes’ mais capaz do que um homem, uma vez que, devido às condições históricas de seus gêneros, homens possuem mais credibilidade perante a sociedade patriarcal e machista. No artigo intitulado “Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social”, desenvolvido pela ONU Mulher (2016), constatou-se que há leis escritas para a garantia da liberdade feminina e equidade entre homens e mulheres, porém não são, de fato, a realidade vivida.

O sucesso de políticas públicas que têm como motor a superação da desigualdade exige mais do que determinação. Coloca no horizonte atingir as mais distantes áreas do país, fazer chegar em cada residência as condições de vida digna, chegar a cada pessoa a possibilidade concreta de tomar em suas mãos seu presente e projetar seu futuro. Com certeza isso vai muito além de políticas públicas. Construir um Brasil de homens e mulheres livres e iguais é uma utopia que movimenta os esforços e as energias para implantar políticas, para fortalecer e ampliar direitos, para repensar caminhos de superação de obstáculos.

Atualmente, em Belém, há mulheres atuantes como profissionais de Dança de Salão, cuja maior dificuldade enfrentada não é ingressar no mercado de trabalho, mas manter-se nele ou, ainda, passar por esta trajetória profissional sem ser marcada por nenhuma das várias faces do machismo. Andrade (2016) aponta um levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2014, p. 592), que destaca que

[...] a maior parte das mulheres sempre trabalhou. Suas trajetórias no mundo do trabalho não se iniciaram no pós-abolição, no pós-guerra ou nos anos 1970. Os primeiros dados oficiais de que se tem conhecimento apontam que, em 1872, elas representavam 45,5% da força de trabalho. Nesta época, de acordo com levantamento realizado por Brumer (1988) a partir do Censo Demográfico 1872, as mulheres estavam empregadas predominantemente na agropecuária (35%), nos serviços domésticos em lar alheio (33%) ou no serviço de costura por conta própria (20%). Após 1920, reduz-se drasticamente a participação econômica ativa (PEA) feminina. [...] É importante lembrar que, neste contexto, grande parte da produção se desenvolve dentro dos limites domésticos.

Com base no conhecimento empírico das entrevistadas, o mercado de trabalho da Dança de Salão em Belém é majoritariamente masculino. Os cargos e títulos de poder, como por exemplo, mestre, professor, coreógrafo e organizador de eventos são, em sua maioria, liderados por homens. Com isso, muitas mulheres não possuem representatividade e referências femininas neste contexto, o que as leva a desacreditarem em suas capacidades para assumir tais lideranças. Este quadro acaba por reforçar um padrão masculino e a afastar cada as profissionais desta área, conforme a fala da Entrevistada n.º 6, que, ao ser questionada sobre suas dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, disse que:

*“[...] devido o mercado da Dança de Salão obter poucas referências de profissionais femininas dando aula em Belém, com isso não tínhamos abertura e nem credibilidade para assumir turmas, sendo assim ainda me sentia muito insegura para dar aula mesmo tendo um diploma de licenciada em dança”.*

Ainda sobre o mesmo questionamento, a Entrevistada n.º 7 compartilha do mesmo sentimento de incapacidade que a Entrevistada n.º 6, afirmando que:

*“[...] foram mais conflitos internos: desacreditar que poderia fazer um excelente trabalho já que por anos fui “educada” para apenas ser conduzida e realizar movimentações de “dama”; pensar no quanto eu deveria estudar a mais para justamente conseguir ser uma boa professora, condutora, etc”.*

Até o momento, ainda não há nenhuma pesquisa que comprove com dados quantitativos e levantamentos exatos a desigualdade sexual existente na Dança de Salão belenense. Porém, ao serem questionadas sobre o assunto, seis das sete profissionais atuantes na área denunciam que há diferenças e que são discrepantes. Os principais complementos utilizados após suas afirmações foram: brutalmente, predominantemente, notório, gritante e esmagadora, como ratifica a fala das Entrevistadas n.º 2 e 1.

*“[...] existem mais homens no mercado do que mulheres, assim como, mais mestres homens do que mestras. Tivemos apenas uma mulher diante de diversos comentários que pude vivenciar que teve sua contribuição para Dança de Salão (Maria do Carmo, não tenho certeza), mas isso faz muito tempo”.*

*“Nunca fiz ou soube de alguma pesquisa exata para referenciar quantidade em relação a homens ou mulheres atuando. Minha opinião é que sempre houve mulheres ensinando junto com seus pares homens, no entanto, essas mulheres não recebiam a devida evidência. O que percebo atualmente são as professoras passando a assinar seus nomes na formação de turmas, apresentações ou mesmo trabalhos coreográficos e artísticos”.*

Devido a esta não representatividade, que gera um sentimento de incapacidade, muitas profissionais capacitadas e qualificadas – tão ou até mesmo mais que os homens – se

acomodam no lugar “ser parceira de um homem”, seguindo sem o devido reconhecimento, sem independência financeira, sem autonomia de suas vidas e sem identidade, situação confirmada no relato da Entrevistada n.º 6:

*“[...] é bem notória a diferença que há entre os profissionais masculinos e femininos referente à Dança de Salão em Belém. O que ocorre é que muitas vezes vemos as damas simplesmente acompanhando os seus parceiros, eles sim são vistos como os “verdadeiros” profissionais de Dança de Salão”.*

Após muitos questionamentos, debates e lutas das mulheres da Dança de Salão, que clamavam por mais liberdade, atualmente percebe-se a evolução, ainda lenta, deste quadro. Assim como para a sociedade como um todo, este é um processo que exige tempo e paciência, já que são com pequenas mudanças que se constroem novas realidades.

Com relação a alguma mudança positiva para as mulheres no mercado de trabalho da Dança de Salão em Belém, a resposta das colaboradoras foi ‘Sim’, de forma unânime, Segundo a Entrevistada n.º 2: *“[...] hoje, as mulheres estão conquistando seu espaço, emponderadas, assumindo de verdade seus direitos, na luta de suas micropolíticas para atingir a macropolítica.”*, informação corroborada pela Entrevistada n.º 3, pois: *“[...] a mulher sabe onde pode chegar e luta por isso, cada vez mais, temos mulheres super qualificadas buscando não somente dançar bem, mas sim ser uma profissional.”*

Apesar das respostas positivas sobre a evolução do mercado de trabalho da Dança de Salão belenense para mulheres, ainda há relatos de insatisfação, com a espera que a situação melhore. Neste sentido, a Entrevistada n.º 4 diz que: *“ainda que não tenhamos chegado onde almejamos, já podemos perceber o crescimento das damas nesse mercado de trabalho e isso ocorre porque as mesmas estão se preparando cada vez mais, se especializando e se colocando como profissionais tanto quanto os cavalheiros.”*

Tal insatisfação com o atual cenário mostra-se bastante evidente, de acordo com as Entrevistadas n.º 5 e 1, a seguir:

*“Percebo hoje no cenário de Dança de Salão uma mudança positiva em muitos aspectos, no que diz respeito às mulheres, percebo muitas querendo investir nessa área profissional, buscando formação, caminhando para sua independência. Porém, ainda sinto falta de ver mais professoras atuantes no meio, ainda são poucas que de fato dão aulas sozinhas, muitas sempre têm o seu parceiro. Sei que esse percurso não é fácil, sei e o vivo também, logo, sei que é possível, é preciso se desprender de certos hierarquismos, de comportamentos que não cabem mais ao que vivemos e ao que precisamos tomar também como parte de nós”.*

*“Percebo a mudança nas mulheres, não exatamente para elas, percebo as dançarinas, bailarinas, independente de como se definam, galgando seus espaços e buscando conhecimento, desenvolver suas habilidades e principalmente, se posicionando, não esperando alguém lhes dar poder de voz, indo e deixando claro*

*suas formas de pensar, porém, não é fácil, ainda percebo mulheres potentes sendo silenciadas, intencionalmente ou não”.*

Muitas mulheres, damas do salão, ainda permanecem escondidas, à sombra de seus parceiros de dança, o que é extremamente prejudicial, tanto em sua individualidade, quanto para o mercado e para as futuras possíveis profissionais da área, pois toda a desigualdade entre os sexos na Dança de Salão reflete negativamente na independência financeira, que é essencial para se alcançar o empoderamento e a autonomia feminina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resposta à principal problemática da pesquisa, compreendeu-se que há sim uma diferença quantitativa entre homens e mulheres profissionais de Dança de Salão, prevalecendo a presença masculina. E que esta diferença se dá, principalmente, mediante as dificuldades da inserção das mulheres nesta área, também por questões de preconceito de gênero e machismo enfrentados no dia-a-dia da profissão. O não empoderamento feminino surge também como um dos fatores, ou seja, mulheres que não buscam capacitação, qualificação ou reconhecimento profissional ou que, mesmo habilitadas, não sentem confiança e segurança para afirmarem-se como profissionais, pois, por serem frequentemente e historicamente desacreditadas, passam a duvidar de suas próprias competências.

A presença de poucas mulheres profissionais atuando no mercado de trabalho da Dança de Salão em Belém faz com que haja, também, pouca representatividade feminina,

afastando, conseqüentemente, futuras profissionais. Partindo da análise dos relatos das professoras entrevistadas, concluiu-se que a maior dificuldade enfrentada não é somente ingressar no mercado na Dança de Salão, mas permanecer neste mercado devido às diversas barreiras sexistas encontradas durante o percurso profissional.

O preconceito de gênero é fruto de uma sociedade estruturalmente patriarcal que tem o masculino como padrão de qualidade, reverberando negativamente, de diversas formas, na vida profissional das mulheres dentro e fora do contexto da Dança de Salão. Este contexto configura-se como um grande entrave na inserção feminina na área, já que muitas escolas de dança e academias dão preferência aos homens, não proporcionando às mulheres a chance de adquirir experiência.

No entanto, atualmente, a Dança de Salão de forma geral, passa por importantes e gradiosas transformações. Revisando os conceitos que fundamentam a modalidade a fim de se atualizar e corresponder à realidade social de seus praticantes, pois, segundo Grangeiro (2018, p. 67), “a dança se molda de acordo com a realidade contextual onde ela está inserida”.

A realidade contextual é de mulheres que vem, apesar de tantas barreiras, conquistando espaços de poder antes só dominados por homens. Um dos motivos desta mudança é o aumento do acesso ao conhecimento, juntamente a um maior nível de exigência pelos trabalhos praticados. Mulheres que vem se qualificando e se provando capazes, conquistando espaços no mercado de trabalho, alcançando maior independência financeira e reafirmando a importante e cotidiana luta pelo empoderamento. Este é o contexto atual que reflete, gradativa e positivamente, na realidade feminina dentro dos diversos cenários da Dança de Salão.

Apesar de todas estas (r)evoluções, as profissionais belenense almejam ir além, pois as conquistas alcançadas ainda não são completamente satisfatórias. O enfrentamento, portanto, é necessário para que, cada vez mais, as mulheres sintam-se representadas, incentivadas e encorajadas a ingressarem neste mercado de trabalho, para que, dentre outros fatores, se alcance maior equidade entre os gêneros.

Considero, como futura profissional da Dança de Salão, que a arte é um forte meio de transformação social e política, que conscientiza, transforma e ressignifica a vida das pessoas. Além disto, acredito, especificamente, na força civilizatriz da Dança de Salão.

Se a dança de salão motivar quem a escolheu para que conheça melhor a si mesmo, desejando ser melhor, contribuindo para um mundo mais belo, mais forte, mais verdadeiro... seu valor ultrapassará o patamar de mero entretenimento, e até mesmo de Arte, assumindo uma dimensão social muito mais poderosa. Cada pessoa a mais na Terra que absorver integralmente a ideia do respeito com o próximo, será um

passo a mais na caminhada em direção à paz universal. Sem dúvida, este é um dos papéis mais intensos e invisíveis da dança de salão na sociedade como um todo. (ZAMONER, 2016, p. 54).

## REFÊRENCIAS

CENTRO DE ESTUDOS SINDICAIS E ECONOMIA DO TRABALHO. Mulheres: mundo do trabalho e autonomia econômica. **Cadernos de formação**, São Paulo, Caderno 3: As mulheres e o mercado de trabalho. Instituto de Economia, CESIT, 2017.

COSTA, L. M. **Samba de Gafieira**: um Estudo Comparativo entre duas metodologias de ensino. 2013. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, RS, 2013.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, Portugal, 2003.

DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Natal, RN, v. 7, n. 2, 2002.

GRANGEIRO, M. **Ai, pisaram no meu pé!** Edição Especial. São Paulo: Scortecci Editora, 2018.

GRANT THORNTON. **Women in business**: o caminho para a liderança. 2015. Disponível em: <https://www.grantthornton.com.br/insights/articles-and-publications/women-in-business-2015/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

GURGEL, T. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9., 2010, Santa Catarina. **Anais** [...]. Universidade Federal de Santa Catarina, 23 a 26 ago. 2010. Disponível em: <http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/FEMINISMO%20E%20LUTA%20DE%20CLASSE.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

ONU MULHERES. **Mais igualdade para as mulheres brasileiras**: caminhos de transformação econômica e social. Encarte Brasil baseado no Relatório “O Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016”. Brasília, 2016. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/05/encarte-Mais-igualdade-para-as-mulheres-brasileiras\\_site\\_v2.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/05/encarte-Mais-igualdade-para-as-mulheres-brasileiras_site_v2.pdf). Acesso em:

PAULA, D. A. M. de. **Dança de salão: história e evolução**. 2008. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação física) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, SP, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/120432>. Acesso em: 21 abr. 2019.

PEREIRA, S. **A conexão dançante**: ampliação das possibilidades de condução em dança a dois. 2016. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

PERNA, M. **Samba de Gafieira**: a história da dança de salão brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

SANTOS, S. **O diálogo dançante da dama contemporânea**. Dança em pauta, 2013. Disponível em: <http://site.dancaempauta.com.br/o-dialogo-dancante-da-dama-contemporanea/>. Acesso em: 01 mai. 2019.

SANTOS, S. **Uma visão contemporânea das relações na dança a dois**. 2012. Disponível em: <http://sheilasantos.com.br/ARTIGOS/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **Gênero e autonomia econômica para as mulheres**. Caderno de Formação – Brasília, 2016. Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/caderno\\_genero\\_autonomia.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/caderno_genero_autonomia.pdf). Acesso em: 01 mai. 2019.

SILVA, C.; CAMURÇA, S. **Feminismo e movimento de mulheres**. Instituto Feminista para a Democracia. Recife: SOS Corpo, 2010.

ANDRADE, T. **Mulheres no mercado de trabalho**: onde nasce a desigualdade? Câmara dos Deputados, Brasília, DF, 2016.

ZAMONER, M. **Dança de salão**: uma força civilizatriz. Curitiba: Comfauna, 2016.

## APÊNDICE

**APÊNDICE A** – Instrumento de coleta de dados da pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

INSTUMENTO DE COLETA DE DADOS DA PESQUISA

nº \_\_\_\_\_

Belém, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011.

**Cara companheira professora,**

**Este questionário é parte de uma pesquisa, sobre a atual situação da mulher do mercado de trabalho belenense, para compor meu Trabalho de Conclusão de Curso em licenciatura em Dança na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Para. Suas respostas são muito importantes para a fase exploratória deste estudo. Por favor, responda à todas as perguntas abaixo e me reenvie para o seguinte e-mail: hannabap@gmail.com.**

**Grata pela sua colaboração!**

**Atenciosamente,**

**Hanna di Paula Baptista**

**1ª parte: Caracterização do respondente**

- 1) **Idade:**\_\_\_\_\_
- 2) **Escolaridade:** ( ) Ensino Fundamental ( ) Ensino Médio ( ) Ensino Superior
- 3) **Instituições de ensino em que trabalha atualmente:**\_\_\_\_\_
- 4) **Anos de atuação como professora de Dança de Salão:**\_\_\_\_\_

**2º parte: Instrumento de coleta de dados**

**Questionário**

- 1) Você nota alguma diferença entre a quantidade de homens e mulheres atuando como professores de dança de salão em Belém?
- 2) Você enfrentou dificuldades para ingressar no mercado de trabalho da dança de salão? Se sim, quais?
- 3) Você enfrenta alguma dificuldade ou preconceitos por ser mulher, ainda hoje no mercado de trabalho da dança de salão em Belém ?
- 4) Por quais motivos você acredita que existam estas barreiras?
- 5) Você percebe atualmente alguma mudança positiva para as mulheres profissionais da área em questão, se comparado com tempos anteriores?
- 6) Qual futuro você espera para este mercado e para as próximas mulheres que desejam ser professoras de dança de salão?